



"Bisogna ridiventare un pó barbari
— magari un pó beceri — se vo-
gliamo ritrovare la poesia."

G. PAPINI.

Foi o delicioso poeta das cidades mortas, o laureado Georges Rodenbach, quem expendeu, a proposito de Puvis de Chavannes, este quasi axioma da arte de Velasquez: um gesto util é sempre bello.

Certo, essa intenção não a tiveram, nem a têm os povos primitivos e no entanto todas as manifestações de seu intellecto no terreno das artes parecem demonstrar cabalmente estarem elles convictos da observação de Rodenbach. E' que está no intimo de todo o homem, a persuasão de que é bello o gesto util. E sempre quando um artista notavel rompe o vieiro natural, procurando obliterar essa persuasão e conseguindo angariar numerosos admiradores, basta surgir outro artista, em cujas telas, manifestações da vida latejante releguem ao filão tradicional, para logo alcançar notabilidade.

Urge pois recorrerem os artistas de quando em vez aos «primitivos» se desejarem em suas obras a sinceridade, condição indispensavel para o bom exito das mesmas, tanto que disse Tolstoi:

«Eu conheço tres regras de arte: a primeira é a sinceridade, a segunda, a sinceridade e a terceira, a sinceridade.»

André Beaumier, da mesma opinião, emite a seguinte observação:

«A intervenção frequente dos «primitivos» é indispensavel na evolução da arte. Sem elles ella pereceria de consumpção ou de estupidez. São a reserva inexgotavel de verdade, de expontaneidade, de vida palpitante e á que recorre ella, com facilidade enferma e moribunda.»

E seguem-se muitos exemplos comprobatorios.

A explicação logica desse facto está em que afastando-se menos das origens do homem, o artista «primitivo» se approxima mais da natureza do mesmo.

E não é só em pintura que se dá isso. O proprio Beaumier o reconhece:

«... il y a des «primitifs» perpetuels dans tous les arts, en litterature, en poesie, au theatre, comme en peinture.»

Quem ainda não se assegurou desse facto, comparando a sensação, experimentada com a leitura da poesia simples e primitiva de Catullo Cearense ou, por exemplo, a deixada pelo Delenda Carthago de Pilac?

Quem não guarda comsigo a impressão ineffavel de doçura e candidez que deixam no intimo de quem os lê, os versos do *Meu Sertão*, do *Sertão em Flôr*, da surpresa, do encantamento, da commoção que ficam de suas estrophes?

Para muitos ella será mais nacional e nisso affirmam, está seu merito. Para quem conhece e comprehende a verdadeira funcção da Poesia, será mais humana.

Quando Victor Hugo publicou as suas Orientaes após as Odes e Balladas, uma sensação inedita, agradabilissima semelhante á que acabamos de registrar experimentaramos

apreciadores da poesia. Não faltou quem a attribuisse á feitura mais simples (mais «primitiva», digo eu) dos novos poemas. Em uma das notas a sua bellissima collectanea é que Hugo apresentou aos coevos uma nova especie de poemas de forma fixa, usada entre os malaio: o *Pantum*. Por uma repetição pau-

sada e coordenada de versos, o *Pantum* produz um encanto singular para quem os lê, semelhante, v. g. ao que nos deixa o *Lesbos* de Baudelaire, de natureza identica. Mais tarde compoz Charles Assenileau um poema baseado no *Pantum* de Hugo. O mais bem succedido foi entretanto Leconte de Lisle que nos seus *Poemes Tragiques* inseriu uma série de cinco *Pantoums Malais*. O ultimo delles não nos furtamos ao prazer de transcrevel-o inteiro, mesmo porque aos pedaços perde toda a graça. E só transcrevendo-o podemos dar aos leitores uma ideia nitida do que é o pantum malaio:

O mornes yeux! Levre pâlie!
J'ai dans l'ame un chagrin amer.
Le vent bombe la voile emplie,
L'ecume argente au loin la mer.

J'ai dans l'ame un chagrin amer:
Voice sa belle tête morte!
L'ecume argente au loin la mer.
Le praho (1) rapide m'emporte.

Voice sa belle tête morte!
Je l'ai coupé avec mon kriss (2)
Le praho rapide m'emport
En bondissant comme l'axis (3)

Je l'ai coupé avec mon kriss
Elle saigne au mat qui la berce
En bondissant comme l'axis
Le praho plonge et se renverse.

Elle saigne au mat qui la berce;
Son dernier râle me poursuit.
Le praho plonge et se renverse.
La mer bleme asperge la nuit.

Son dernier râle me poursuit.
Est-ce bien toi que j'ai tuée?
La mer bleme asperge la nuit,
L'eclair fend la noire nuée.

Est-ce bien toi que j'ai tuée?
C'était le destin, je t'aimais!
L'eclair fend la noire nuée,
L'abime s'ouvre pour jamais.

C'était le destin, je t'aimais!
Que je meure afin que j'oublie!
L'abime s'ouvre pour jamais.
O mornes yeux! Levre pâlie!

Sergio Buarque de Hollanda.

S. Paulo, 29 de Outubro de 1920.

(1) Embarcação de piratas malaio.

(2) Sabre de lamina ondulada.

(3) Especie de veado das Indias Orientaes (*Cervus axis*).

D'A Cigana

de 1 de novembro de 1920